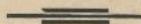
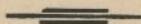


CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA



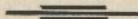
A IGREJA
E A
INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA



LUANDA
1975

LYCIO LARA

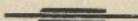
CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA



A IGREJA

E A

INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA



LUANDA

1975

INTRODUÇÃO

1. A Igreja e a Independência de Angola

2. A Igreja e a Independência de Angola

«A Igreja que, no decorrer dos séculos, já viu nascer e crescer tantas nações, não pode deixar de fixar particular atenção no acesso de novos povos às responsabilidades da libertação política. Temos já muitas vezes convidado as nações interessadas a caminhar por esta via com espírito de paz e de compreensão recíproca». Pio XII, Rádio Mensagem do Natal de 1956.

3. A Igreja e a Independência de Angola

4. A Igreja e a Independência de Angola

5. A Igreja e a Independência de Angola

6. A Igreja e a Independência de Angola

7. A Igreja e a Independência de Angola

A IGREJA E A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

I

Panorama da Igreja de Angola Cinco séculos de evangelização

II

A Igreja e a Promoção Humana Contributo para o progresso individual e social

III

A Igreja na viragem histórica de Angola Abertura às transformações históricas

IV

Esperança no futuro e votos finais

A IGREJA E A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

I

INTRODUÇÃO

1. Falta precisamente um mês para a independência política de Angola.

O acontecimento, pela sua transcendência e projecção no futuro deste País e em todo o continente africano, interpela-nos frontalmente a nós, Pastores e Servidores responsáveis da Igreja em Angola e pedem-nos uma palavra de presença e de orientação quanto ao facto em si mesmo e solicitada por quantos constituem o Povo de Deus.

2. Não tem sido fácil nem tranquila a ante-véspera da independência.

Preparada e caldeada em treze anos de guerra anti-colonial, durante a qual ofereceram generosamente a vida para que a nova Pátria nascesse e se consolidasse muitos dos seus filhos mais heróicos, era de esperar que aquele período decorresse na reflexão criadora e no estudo aturado e planificador para a arrancada de que Angola necessita, a fim de alcançar rapidamente o lugar a que tem direito no concerto das Nações soberanas.

Mas os contrastes de programas, as divergências de métodos e as diferenças de mentalidade tornaram difícil a execução do programa inicialmente acordado e levaram a confrontações violentas que ainda não findaram.

3. As riquezas desbaratadas, as transacções comerciais suspensas, os serviços públicos desorganizados, as indústrias paralizadas, o desemprego generalizado são o trágico resultado da guerra civil que se vive em Angola, atirando o país para o caos económico, a avolumar cada vez mais o espectro da fome.

O êxodo maciço da população de origem europeia, caboverdeana e asiática e as grandes migrações internas — consequências da insegurança e mal-estar — criam vazios difíceis de preencher e comprometem a organização social do novo país, alavanca indispensável para o seu desenvolvimento harmónico e progressivo.

Várias cidades angolanas ainda há pouco belas e florescentes estão a

tornar-se uma a uma fantasmas do que foram porquanto nelas impera a desolação e a morte.

É certo que havia contrastes demasiado chocantes entre a zona do asfalto e os subúrbios, contrastes que, infelizmente, não são exclusivos de Angola e Africa. Impunha-se eliminá-los sem delongas, fazendo de toda a cidade — pois é a população total que a constitui — um todo mais harmonioso.

Mas não é pela destruição da área do cimento e asfalto — destruição que também tem atingido os bairros periféricos, e porventura estes mais dolorosamente — que se conseguirá a desejada igualdade.

A cidade típica constitui por si um valor e é indispensável ao bem comum e progresso de toda a Nação.

A força do ideal que uniu vários Movimentos durante a guerra de libertação não se manteve quando esta perdeu a sua razão de ser. Ora a união e conjugação de esforços impõem-se agora ainda com mais vigor, para todos os angolanos empreenderem a ingente e sublime tarefa da estruturação da nova Pátria, da condução de um povo independente e livre pelos caminhos da História.

A Igreja que sempre fez suas « as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem » (1) vive em profundidade esta trágica situação a qual a afecta nas suas instituições e actuação. Esforça-se no entanto por conservá-las operantes pois em muitas áreas são as instituições missionárias o único sinal de esperança para o povo martirizado.

A Igreja tem consciência das suas responsabilidades, ás quais procura não se eximir.

Além da função que lhe é própria em qualquer parte do Mundo em que esteja presente, em Angola sente especiais responsabilidades impostas pela delicada situação actual e por imperativos históricos.

II

PANORAMA DA IGREJA EM ANGOLA

5. A evangelização de Angola iniciou-se há quase cinco séculos.

Aportado Diogo Cão às terras ribeirinhas do Zaire em fins do século XV, não tardaram os missionários a anunciar a mensagem

redentora de Cristo aos novos Povos que iam contactando Em 1491 estava erguido o primeiro templo cristão em terras do Congo.

A jurisdição eclesiástica, exercida inicialmente nestas terras e suas gentes pela ordem de Cristo através do Prior de Tomar, passou em 1514 para a nova Diocese de Funchal.

Criada vinte anos depois a Diocese de S. Tomé, juntamente com outras nos domínios ultramarinos de Portugal, ficou aquela responsável pela evangelização da costa ocidental da África, desde o Cabo das Palmas até ao das Agulhas. Nela se inclui pois todo o território da actual Angola.

6. Em 20 de Maio de 1596, o Papa Clemente VIII, pela Bula «SUPER SPECULA MILITANTIS ECCLESIAE», criou uma Diocese com sede em São Salvador, abrangendo os reinos do Congo e Angola.

Mas apenas quatro Bispos residiram na sede da Diocese. A partir dos meados do século XVII passaram os Prelados a viver em Luanda, onde se tornava mais fácil organizar a Cúria diocesana e contactar com as comunidades cristãs disseminadas pela vasta área que integrava os reinos do Congo, Angola e Benguela constitutivos da Diocese em causa.

A missão nas terras que formam o actual Estado de Angola ao longo destes cinco séculos, esteve necessariamente dependente de condicionalismos vários, ora próprios, ora desfavoráveis; uns de ordem interna, outros exteriores.

As dificuldades de penetração no interior, a inclemência do clima, as lutas tribais, a variedade de línguas, as intrigas e vicissitudes políticas foram alguns dos obstáculos que explicam a magreza dos resultados obtidos até meados do século passado.

Por outro lado, os métodos de evangelização, afectados por uma orgânica de base paroquial característica da velha Cristandade, sem o vigor e adaptação próprios da actividade missionária típica, contribuíram também para esta escassez de frutos.

7. No entanto, a Igreja institucional marcava presença em vários pontos de Angola, sobretudo ao longo da costa, com tentativas de penetração em algumas zonas do interior.

São disso prova as velhas paróquias fundadas antes do século actual, embora algumas com actividade intermitente: Luanda (Conceição-1590, Remédios-1628, Cabo-1853), Benguela (Pópulo-1617), Caconda, Caxito, Muxima, Dondo (século XVII); Quilengues e Alba Nova (século XVIII), Novo Redondo (1769), Moçamedes (1856), Huila (1858), Ambriz (1858), Capangombe (1866), Catumbela (1882), Lubango (1887), Hum-pata (1887), Chibia (1889), Porto Alexandre (1891).

Já nesse tempo assumiram relevo no ensino e na evangelização vários conventos e casas religiosas pertencentes a Jesuítas, Franciscanos, Capuchinhos e Carmelitas.

8. Foi a partir da segunda metade do século passado que se iniciou a evangelização sistemática e progressiva de todo o território de Angola. A Congregação do Espírito Santo com a qual colaboraram reli-

giosas de S. José de Cluny e Franciscanas foi oficialmente encarregada da então chamada Missão do Congo por decreto da Sagrada Congregação da *Propaganda Fide*, datado de 9 de Setembro de 1865. Nas áreas que lhe foram confiadas criaram-se posteriormente as Prefeituras Apostólicas do Baixo Congo e da Cimbebásia ou Cubango.

Os sacerdotes diocesanos ordenados em Angola ou vindos de Portugal principalmente das Missões Ultramarinas de Cernache do Bom Jardim asseguraram a vida paroquial, a evangelização e o ensino em algumas terras do interior sobretudo nas regiões de São Salvador e do Zaire.

Recordemos as Missões, centros de erradiação religiosa e cultural, por eles fundados no último quartel do século passado: Lândana (1873), São Salvador (1881), Humbe (1882), Caquele-Amboelas e Cacuva-Cuanhama (1883), Cassinga (1887), Cataco-Vila da Ponte (1888), Jau (1889), Caconda e Malange (1890), Cabinda (1891), Chivinguiro e Cachingues (1892), Lucula, Calulo e Libolo (1893), Quihita (1894), Bailundo (1895), Cuchi (1897) e Munhino (1898).

9. Cedo a Igreja em Angola se compenetrou de que só com elementos autóctones, com filhos da própria terra, empenhados na evangelização dos seus irmãos e responsáveis pelos seus destinos seria possível enraizá-la e conferir-lhe autenticidade.

Por isso não tardaram a fomentar-se «in loco» vocações de serviço ministerial. Os primeiros sacerdotes e bispo africanos na História moderna foram algolanos.

Em 1517 o Papa Leão X, a pedido do rei D. Manuel I de Portugal, nomeou Bispo titular de Útica o jovem príncipe D. Henrique, filho do Rei do Congo (M'Bemba-a-Nzinga) que, após o Baptismo em 1506, recebera o nome de D. Afonso.

Ao longo de três séculos nunca deixou de haver sacerdotes autóctones em Angola, alguns dos quais atingiram elevada cultura, tendo alcançado graus académicos universitários, ou desempenharam funções de responsabilidade no governo da Igreja nestas terras.

Mas também este aspecto da orgânica da Igreja se ressentia das vicissitudes histórico-políticas.

10. A Bula «Solemnibus Conventionibus» de 4 de Setembro de 1940 suprimiu a anacrónica divisão eclasiástica anterior e criou a Arquidiocese Metropolitana de Luanda com as dioceses sufragâneas de Nova Lisboa e Silva Porto.

O 31.º Bispo de Angola e Congo passou a 1.º Arcebispo de Luanda.

Pelo desmembramento sucessivo de todas elas, foram surgindo posteriormente as novas dioceses de Sá da Bandeira (1955), Malanje (1957), Luso (1963), Carmona (1967) e Benguela (1970).

Há precisamente dois meses, o Papa Paulo VI criou quatro novas dioceses em Angola — Novo Redondo, Henrique de Carvalho (Saurimo), Serpa Pinto (Menongue) e Pereira D'Eça (Ngiva), elevando para doze o número de circunscrições eclesiásticas de natureza diocesana.

11. Reportando-se a 31 de Dezembro do ano findo, pois só em

relação a essa data existem dados estatísticos precisos, devidamente apurados, a Igreja Católica apresenta em Angola, com cerca de 6.000.000 de habitantes, a panorâmica seguinte: católicos—2.668.853, catecúmenos—249.332, paróquias e missões—300, sacerdotes—564, irmãos religiosos—121, irmãs religiosas—899, estas agrupadas em 150 comunidades.

Os missionários que atingiam um total de 1584, provêm dos seguintes países: Angola (296), Portugal (853), Goa (10), Moçambique (5), Cabo Verde (2), S. Tomé (1), Espanha (150), França (50), Itália (94), Holanda (41), Suíça (21), Alemanha (22), Irlanda (13), Bélgica (4), Liechtenstein (2), Inglaterra (1), Checo-Eslováquia (1), Brasil (15), USA (1), México (2).

Por famílias religiosas, os sacerdotes e irmãos agrupam-se do seguinte modo: Diocesanos (224), Espiritanos (238), Saletianos (22), Redentoristas (24), Cordimarianos (9), Capuchinhos (73), Jesuitas (5), Beneditinos (40), Trapistas (13), Maristas (16), de S. João de Deus (2), Sagrada Família (2), Sociedade Missionária (8), e S. Pedro Claver (4).

As irmãs missionárias pertencem às seguintes Congregações ou Institutos religiosos: Carmelitas Descalças (13), Dominicanas Contemplativas (10), Beneditinas Missionárias (18), Beneditinas de Tutzing (17), S. José de Cluny (177), Franciscanas Missionárias de Maria (45), Dominicanas de Santa Catarina (33), Dominicanas do Rosário (29), Santíssimo Salvador (81), Santa Doroteia (110), Amor de Deus (26), Mercêdárias da Caridade (31), Reparadoras do Sagrado Coração (20), Companhia de Santa Teresa (81), Irmãs da Misericórdia (21), Salésias (8), Bom Pastor (14), Escravas da Eucaristia (8), Filhas de Jesus (13), Filhas do Coração de Maria (12), Filhas de S. José (5), Irmãs da Caridade do S. C. de Jesus (17), Irmãs de Jesus, Maria e José (4), Missionárias Sociais (3), Acção Paroquial (5), Auxiliares dos Sacerdotes (6), Instituto Teresiano (2), «LABOR CHRISTI» (3), Cooperadoras da Família (4), Santa Catarina (10).

12. Se os fiéis administrativamente se encontram enquadrados em Paróquias e Missões, organizam-se entre si em Movimentos de Apostolado, caridade e piedade, afim de aprofundarem os seus conhecimentos de doutrina, fomentarem a vida cristã, e dedicarem-se ao serviço do próximo. Entre eles distinguem-se a Acção Católica, Legião de Maria, Cursos de Cristandade, Encontros de jovens, Conferências Vicentinas, Escutismo, Cáritas.

Os cristãos comprometidos nestes Movimentos contribuem para a expansão e vitalidade da Igreja.

Desempenham papel de relevo na animação cristã os catequistas que se contam por milhares. Entre eles distinguem-se os que tendo feito Cursos de especialização em Escolas apropriadas, se entregam inteiramente à evangelização como verdadeiros missionários leigos.

13. Mas não esqueçamos que ao lado da Igreja Católica—sem dúvida a mais antiga e mais numerosa—existem outras Igrejas cristãs, vulgarmente conhecidas por protestantes, também elas pregoeiras do Evangelho e ao serviço desinteressado da população angolana.

Os primeiros contactos dos cristãos reformados com os angolanos

verificaram-se no segundo quartel do século XVII com a ocupação de Luanda pelos holandeses. Nessa ocasião o culto protestante foi introduzido nos templos católicos da cidade, havendo tentativas de penetração no interior.

Aquela ocupação durou pouco tempo e em breve se extinguiram os vestígios desta primeira presença.

Dois séculos depois, as viagens de grandes missionários protestantes que percorreram o centro da África proporcionaram novos contactos da Igreja Evangélica com os povos angolanos.

Mas foi sobretudo após as liberdades garantidas pela Conferência de Berlim em 1885 que a actividade missionária protestante tomou o incremento que levou à implantação definitiva de muitas Igrejas separadas de Roma em terras de Angola.

Também elas sofreram, tal como a Igreja Católica, os reflexos das vicissitudes políticas ocorridas em Portugal.

Actualmente existe uma dezena de Igrejas cristãs não católicas, organizadas, em Angola. Embora não conheçamos dados precisos sobre algumas delas, julgamos que, no seu conjunto, tenham à volta de 700.000 fiéis.

As relações entre elas e a Igreja Católica estão a tornar-se cordiais e colaborantes, graças ao movimento ecuménico em que se empenham cada vez mais todos os cristãos sinceros e sem preconceitos.

III

A IGREJA E A PROMOÇÃO HUMANA

14. A Igreja missionária sempre se preocupou com o sector da libertação do homem visto actuar normalmente em áreas subdesenvolvidas e junto de populações a braços com carências de toda a espécie. «Fiel ao ensino e exemplo de seu divino Fundador, que dava como sinal da sua missão o anúncio da Boa Nova aos pobres, a Igreja nunca descurou a promoção humana dos povos aos quais levava a Fé em Cristo. Os seus missionários construíram não só igrejas, mas também asilos e hospitais, Escolas e Universidades... Em muitas regiões foram contados entre os pioneiros do progresso material e do desenvolvimento cultural» (2). Boa parte das energias e haveres dos missionários são encaminhados não para a evangelização directa mas para actividades da assistência e promoção que se situam num plano de pre-evangelização.

Estes dois aspectos da acção missionária, ou sejam a evangelização e o desenvolvimento, são complementares, integrando a «diaconia» da Igreja ao serviço dos homens.

15. A libertação cristã, objectivo directo e imediato da acção missionária, envolve a iluminação da inteligência pela fé e o fortalecimento da vontade pela prática da virtude, sob a moção da graça.

Tais actividades, numa óptica cristã, dirigem-se à dimensão sobrenatural do homem, mas não prescindem do substracto natural.

Por isso, o anúncio da mensagem evangélica andou sempre associado à instrução e formação humana dos seus destinatários. Daí as

inúmeras instituições de ensino e educação que a Igreja vem fundando e mantendo, a todos os níveis, ao longo da sua História quase bimilenária.

Também em Angola, a actividade eclesial se situa nessa linha, apesar de limitações de toda a espécie. Lembremos os diversos graus em que a acção educacional se desenvolve.

16. *Escolas de Catequese.* Encontram-se nas paróquias de índole urbana e nas Missões rurais disseminadas pelo sertão. Calculam-se em duas dezenas de milhares os centros ou secolas de catequese, servidas por um número ainda maior de catequistas. A maior parte destes prestam graciosamente o seu serviço à comunidade cristã; outros porque empenham muito do seu tempo nessa tarefa, recebem uma remuneração vinda das Dioceses e Missões, ou directamente do Povo que servem.

Muitas dessas catequese, além do ensino da doutrina cristã, proporcionam uma primeira alfabetização, constituindo as chamadas *escolas-capelas*.

17. *Ensino Primário.* A educação de base tem constituído o grande empenho da Igreja missionária. Esta substituiu o Estado quando ele se desinteressava das escolas rurais; colabora com ele numa atitude de complementaridade e corresponsabilidade, à medida que os serviços estaduais de educação se vão ocupando desta grave e ingente tarefa.

Neste difícil campo foi a Igreja que desbravou o terreno, lançou uma razoável rede de escolas rurais e assegurou a alfabetização de centenas de milhares de crianças, jovens e adultos.

Para isso teve de enfrentar dificuldades de toda a ordem, desde a falta de edificios e material didáctico à escassez e impreparação dos agentes do ensino e à míngua de recursos financeiros. O Estado, ao mesmo tempo que declinava nas Missões esse encargo — aliás agradável para elas embora pesado — nunca lhes proporcionou a ajuda devida, considerando enteadas as escolas missionárias que constituíam o chamado *ensino indígena*.

Mas a Igreja pode orgulhar-se delas apesar da sua modéstia. A maior parte da juventude rural de Angola, esperança da nova Pátria, por elas passou.

No ano findo este ensino foi ministrado em 3396 escolas ou postos escolares por 3894 professores ou monitores a 157.821 alunos de ambos os sexos.

18. *Ensino post-primário.* Para lá da instrução primária, sempre a Igreja em Angola se esforçou por proporcionar à juventude outros graus de ensino.

Assim foram surgindo por sua iniciativa inúmeras escolas de Artes e Ofícios, de Professores de Posto, de Formação Doméstica, de Enfermagem e Colégios-Liceus e outras.

No ano findo a Igreja manteve várias instituições destes de diversos graus e natureza, frequentados por centenas de educandos.

Nalgumas sedes de Missões rurais instituiu-se o ensino de Ciclo Preparatório, muitas vezes a cargo exclusivo de pessoal missionário.

Assim se ministrou cultura mais elevada a alguns milhares de jovens impossibilitados de procurarem aquele nos meios urbanos.

Outra medida de prestação de serviço neste sector encontra-se

na abertura e manutenção de residências, lares ou internatos para jovens que frequentam as escolas daqueles diversos graus, tanto nas sedes das Missões como nos grandes centros urbanos.

E através da obtenção de Bolsas de Estudo tem a Igreja proporcionado anualmente a continuação de estudos universitários ou de cursos técnicos e profissionais a dezenas de jovens, carecidos de recursos e merecedores de ajuda pela sua inteligência e dedicação ao estudo. Só o ano passado a Igreja dispendeu cerca de um milhão de escudos a favor de trinta alunos beneficiados com Bolsas de estudos.

19. *Ensino Eclesiástico.* A estruturação e autonomização das Igrejas locais só serão completas e perfeitas quando houver sacerdotes autóctones em relativa abundância, isto é, nascidos e preparados no seu meio e aptos a exercerem junto do Povo toda a espécie de funções e responsabilidades pastorais. O exercício do ministério sacerdotal pressupõe, pela sua delicadeza, dificuldades e projecção social, uma preparação longa e aturada dos candidatos a tal função. Para isso se instituíram os Seminários.

Se durante séculos os candidatos angolanos ao sacerdócio eram formados em condições precárias, há mais de cem anos que se fundaram no País Seminários condignos. O primeiro surgiu em 1853 em Luanda, para servir as Dioceses de Angola e São Tomé. Desde então pode dizer-se que sempre houve casas de formação eclesiástica em Angola, embora expostas a vicissitudes várias e mesmo algumas breves intermitências.

No ano findo funcionaram dois Seminários Maiores interdiocesanos para os cursos de Filosofia e Teologia com 145 alunos e dez Menores para o Ciclo Preparatório e curso geral dos Liceus, frequentados por 740 seminaristas.

Nestes cem anos de funcionamento dos Seminários Diocesanos em Angola ordenaram-se cerca de duas centenas de sacerdotes neles formados. Mas a par destes estão milhares de jovens que, embora não tenham recebido o sacerdócio se prepararam nessas escolas de formação e cultura para uma vida digna ao serviço da comunidade.

20. *Assistência Sanitária.* A escassez de pessoal médico e de enfermagem é uma constante dos Países africanos que têm de enfrentar graves problemas de ordem sanitária. A elevada mortalidade infantil e a baixa média de vida são dolorosas características de todo o continente africano.

Angola, apesar do seu desenvolvimento urbano, continua a não proporcionar às populações rurais, que constituem a grande maioria, uma assistência sanitária adequada e suficiente. Por isso é altamente meritória a acção das Missões neste sector, constituindo um dos mais apreciados serviços por elas prestados às populações menos favorecidas.

Basta atentar nalguns números referentes ao ano findo: Hospitais Missionários, 25; Dispensários e Postos Sanitários, 96.

Fizeram-se 1.963.525 tratamentos, beneficiando de internamento

41.602 doentes. Esta modalidade de serviço público ocupa 10 médicos missionários, 132 Irmãs Enfermeiras (algumas das quais prestando serviço nos Hospitais do Estado) e 138 enfermeiros e auxiliares leigos.

Tem, além disso, a Igreja colaborado na preparação de enfermeiros angolanos, fundando e mantendo aqui Escolas de Enfermagem.

21. Cuidados especiais merece às Missões a assistência materno-infantil. O serviço maternal, envolvendo consultas pre-natais, assistência no parto e cuidados posteriores às crianças e suas mães é um dos serviços mais válidos prestados pelas Irmãs Missionárias às populações rurais que justamente as apreciam e agradecem.

Em 23 Maternidades existentes nas Missões foram assistidos no ano findo 5040 partos e prestados os devidos cuidados aos recém-nascidos e parturientes.

Na continuação deste serviço vão surgindo aqui e além infantários, jardins de infância e escolas infantis. Em 23 instituições deste género foram recebidas e assistidas no ano findo 1318 crianças com menos de seis anos de idade.

IV

A IGREJA NA VIRAGEM HISTÓRICA DE ANGOLA

22. A Igreja não é uma sociedade política: é o Povo de Deus em marcha no tempo para a Casa do Pai na eternidade (3).

Tem por missão comunicar aos homens a doutrina revelada por Deus e contida nas Escrituras Santas e na Tradição e, sobretudo, torná-los participantes de libertação trazida por Cristo e consumada no Calvário. Embora não se desinteresse da dimensão temporal do homem, reconhece ao estado a competência própria e responsabilidade directa na organização e condução da sociedade civil (4).

23. Mas se não compete à Igreja a política, impende no entanto sobre ela uma grave tarefa neste domínio: despertar no homem cristão a sua dimensão política e levá-lo a assumir plenamente as suas responsabilidades como cristão.

E este deve saber que, ao actuar nesta qualidade, no exercício de direitos e deveres que a Lei Fundamental de qualquer Estado lhe reconhece, não pode abstrair da sua condição de discípulo de Cristo e comprometido com o Evangelho.

Mas se os cristãos — todos os cristãos — têm este direito e dever — e no seu cumprimento devem sacrificar tempo e comodidades, haveres e, em casos limites, a própria vida — já os dirigentes e responsáveis da Igreja devem ser cautelosos na sua actuação política. Com esta limitação evitam-se desvios da sua missão específica, mantendo a clara distinção e independência entre a Instituição eclesiástica e a estadual. Da confusão entre os dois poderes ninguém lucraria e ambos perderiam.

No entanto, «naqueles casos em que são possíveis diversas opções políticas, sociais ou económicas, os presbíteros, como os demais cidadãos, têm o direito de fazer a própria opção. Mas, dado que as opções políticas,

por sua natureza, são contingentes e nunca interpretam de modo totalmente adequado e perenemente o Evangelho, o presbítero, que é testemunha daquelas coisas que hão de vir, *deve conservar-se à distância de qualquer cargo ou compromisso político... Além disso, deve ter o máximo cuidado em evitar que a sua opção se apresente aos cristãos como a única legítima, ou, então, se venha a tornar motivo de discórdia entre os fiéis*» (6).

24. A Igreja em Angola é substancialmente a mesma em toda a parte. Constituída por homens, os mais variados, e dirigida por chefes, ora santos, ora pecadores, terá cumprido a sua missão ao longo de quase cinco séculos umas vezes a merecer louvor outras a suscitar censura.

Mas o juízo definitivo não compete aos homens de hoje.

25. Nesta profunda viragem de Angola, também a Igreja acompanha as transformações históricas, aberta aos novos condicionamentos sociológicos; esforça-se por servir o povo sem reservas, colaborando com as autoridades legitimamente constituídas que prossigam o objectivo do bem público; apoia toda a reflexão que, a partir do Evangelho, constitui alavanca de autêntica libertação.

Verificando que a evangelização pressupõe e passa pela libertação total do homem, o que importa a quebra das amarras que impedem a sua plena realização — ignorância e modo, doenças endêmicas e miséria, segregação racial, dependência económica, neo-colonialismo, etc. — a Igreja não aceita a violência que põe em risco a vida dos homens, destrói riquezas e é fonte de fracturas e ódios entre irmãos remidos por Cristo e voltados para o mesmo destino transcendente.

«A vida humana é quanto há de mais digno de admiração e respeito entre as grandes maravilhas da criação. Ela também é o que há de mais misterioso no Mundo... «Dom magnífico de Deus que se impõe ao respeito de todos, centelha divina que a ninguém é permitido extinguir». (6).

26. Importa prosseguir sem desfalecimento e sem perda de tempo, na africanização da Igreja local: na liturgia onde alguns passos decisivos já se vêm datado desde há muito; na Catequese pelo emprego de material didáctico apropriado; na preparação de clero, religiosos e religiosas naturais de Angola para que assumam *perante o Povo e no meio dele* as maiores responsabilidades da animação cristã; na renovação e ampliação da Hierarquia Episcopal.

«Com efeito, em cada agrupamento humano, a Igreja lança raízes mais seguras quando as várias comunidades de fiéis tiram dos seus membros os próprios ministros da salvação na ordem dos Bispos, dos Presbíteros e dos Diáconos». (7).

V

ESPERANÇA NO FUTURO E VOTOS FINAIS

27. Voltamos, para terminar, ao ponto de partida.

A aproximação da independência deste grande País é motivo de

alegria para todos os angolanos que vêm tomadas em consideração «as suas justas aspirações» (8).

Angola vai, finalmente, ter nas mãos o seu próprio destino: começa a escrever, por ela mesma, a sua história.

Mas a euforia da independência foi obnubilada pelo pesadelo de um futuro imediato repleto de apreensões.

É este estado de espírito afecta tanto os europeus como os africanos. Os primeiros buscam precipitadamente fora de Angola a segurança e tranquilidade que esta lhes nega, abandonando haveres e deixando aqui um vazio difícil de preencher a curto prazo; os segundos procuram ansiosamente nos meios rurais aqueles mesmos bens de que os centros urbanos se tornaram avaros.

É tudo isto porque os homens escravizados às suas ideias políticas sacrificam o Povo que representam pondo em risco a própria independência de Pátria pela qual tão abnegadamente lutaram.

É necessário e urgente que nos convençamos todos que nada se ganha e tudo se pode perder com a guerra. Saibamos arripiar caminho enquanto é tempo.

A nossa voz humilde mas sincera e persistente une-se interpretando-a à de milhões de angolanos que angustiados imploram fraternidade, amor e paz para esta Pátria em dolorosa gestação, e tão carecida desses valores que verdadeiramente contam para o bem-estar e felicidade dos homens.

O cristão é o homem de esperança. Ele sabe que Deus, pela sua Providência vela sobre a Humanidade, pois é o Senhor dos tempos e dos acontecimentos humanos.

28. Grande futuro aguarda esta nova Nação. Convém que todos os seus filhos conjuguem os esforços.

Há que criar um clima de verdadeira compreensão. Não faltará quem, desprezando o factor tempo, queira exigir desde o início um grau de perfeição desejável mas praticamente impossível nos quadros da função pública e da convivência social. Do Egipto à Terra Prometida estende-se um deserto sem alimento e sem água. Por isso, não é razoável exigir com rigor aquilo que nações com séculos de independência ainda não conseguiram plenamente.

Não esqueçamos que a condução de interesses públicos pede apurado sentido das realidades e mesmo de humildade. Esta levará os governantes a aceitarem suas limitações, admitindo que a sublimidade da função de que se encontram investidos os não tira da condição de homens no meio de outros homens.

Em contrapartida, os cidadãos deverão ter o necessário espírito de respeito pela autoridade.

Um clima de paz e entendimento indispensável para a produção e o desenvolvimento requer ainda que as minorias tenham garantida a justa expressão no conjunto nacional. «É grave injustiça qualquer acção tendente a reprimir a energia vital de tais minorias» (9).

Uma vez que a maioria da população de Angola é crente não é de somenos importância que sejam entre nós tuteladas eficazmente

a liberdade religiosa, pois «todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. *Este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelas observâncias isolada ou colectivamente, em público ou em particular*» (1°).

É necessário igualmente reconhecer aos pais a «prioridade de direito na escolha do género de instrução que será ministrado aos seus filhos» (11).

Pôr em questão estas e demais conquistas consignadas na Declaração Universal dos Direitos do Homem seria um autêntico retrocesso e causaria na população de Angola um sentimento de frustração.

A Igreja que tanto contribuiu para a hora histórica que se aproxima através do fermento de libertação evangélica e com o sacrifício, muitas vezes sangrento, de tantos dos seus filhos — sacerdotes, catequistas e simples fiéis — pode encarar com alegria e confiança o DIA DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA».

Luanda, 11 de Outubro de 1975

- † Manuel, Arcebispo de Luanda e Bispo de São Tomé
- † Eduardo, Arcebispo Coadjutor de Luanda
- † Manuel, Bispo de Silva Porto (Bié)
- † Francisco, Bispo do Luso (Moxico)
- † Eurico, Bispo de Sá da Bandeira (Lubango)
- † Américo, Bispo de Nova Lisboa (Huambo)
- † Francisco, Bispo de Carmona (Uíge)
- † Zacarias, Bispo de Novo Redondo (Ngunza)
- † Óscar, Bispo de Benguela
- † Manuel, Bispo de Henrique de Carvalho (Saurimo)
- † Alexandre, Bispo de Malange
- † Francisco, Bispo de Serpa Pinto (Menongue)

NOTAS

- (1) GS, 1.
- (2) Pop. Prog., 12.
- (3) Cf. GS, 42.
- (4) Cf. Sinodo de 1971, Doc. Sacerdócio Ministerial, 2.ª part. n.º 2.
- (5) Ib.
- (6) Pastoral Colectiva do Episcopado de Angola. B.E. de Angola e S. Tomé, 1961-62, p. 59.
- (7) Ag., 16.
- (8) Cf. Past. Col. do Ep. de Angola — B.E. de Angola e S. Tomé, 1961-62, p. 61.
- (9) Pacem in Terris.
- (10) Ag., 16.
- (11) Declaração Un. dos Direitos do Homem, Art. 18.
- (12) Ib., Art. 26.

0/316
AB-05